

Com fama de indisciplinado

'Financial Times' alerta que imagem ainda é o maior problema do Brasil

NELSON FRANCO JOBIM
Correspondente

LONDRES – O Brasil precisa romper com a indisciplina fiscal do passado recente para conquistar a confiança dos investidores internacionais e romper o ciclo de euforia e depressão que marca sua história, afirma o *Financial Times*, principal jornal econômico-financeiro europeu, em caderno especial sobre o Brasil publicado ontem. País que mais cresceu no mundo neste século depois do Japão, o Brasil ainda não conseguiu se livrar da instabilidade financeira que frustra seu desenvolvimento sustentado.

Às vésperas da festa dos 500 anos da chegada dos primeiros europeus, observa o *FT*, o Brasil se debate mais com sua história recente, em que, por repetidas vezes, medidas paliativas de curto prazo evitaram decisões difíceis. Para muitos investidores, adverte o jornal, o Brasil ainda é o país da "moratória, de promessas quebradas, de instituições econômicas frágeis, do populismo político e dos excessos fiscais".

Nos últimos anos, a inflação deixou de ser o maior problema econômico. A questão agora é o equilíbrio das contas públicas. Apesar do superávit primário de 3% do Produto Interno Bruto (PIB) negociado com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o

déficit público deve ficar perto de 10% este ano, prevê o *FT*. Embora a dívida pública, de 50% do PIB, seja considerada aceitável pelos padrões internacionais, os investidores temem que o governo acabe abrindo mão da disciplina fiscal, imprimindo dinheiro para financiar a dívida, o que traria de volta a inflação, com risco de instabilidade e estagnação.

Para o *FT*, a origem do problema está no fragmentado sistema partidário brasileiro, que torna extremamente difícil controlar os gastos públicos. O governo é obrigado a entrar em negociações e barganhas intermináveis com deputados e senadores. A fragilidade do sistema político e a falta de disciplina encorajam o clientelismo.

Depois que a Constituição de 1988 agravou o problema, ao aumentar gastos sem previsão de receita, a inflação escamoteou o déficit, que se tornou visível com o sucesso do Plano Real. A política cambial de paridade flexível em relação ao dólar piorou a situação. O governo foi obrigado a aumentar os juros para defender a cotação do real, deteriorando a balança comercial e a situação fiscal.

Diante da crise internacional, o governo brasileiro optou por uma rígida austeridade fiscal. Com a economia estagnada, a popularidade do presidente em queda e a proximidade de eleições municipais, o *FT* pergunta se o governo Fernando Henrique Cardoso será capaz de manter sua política rigorosa.

O período de março a setembro foi "de-

sastroso" para o governo, entende o *FT*, com sério risco de desintegração da coligação governista. Agora, de acordo com o jornal, o ambiente seria mais favorável ao Planalto. Mas a pressão política é enorme, com reivindicações de aumento de gastos com saúde e educação.

Ao não ter concluído suas reformas econômicas no primeiro mandato, Fernando Henrique continua prisioneiro de uma coligação pentapartidária instável, com quem tem de negociar cada proposta, constata o jornal britânico. Mesmo se tudo der certo, prevê o *FT*, o Brasil ainda terá se submeter a uma rigorosa austeridade fiscal por um longo período.

Isto só será possível, comenta o jornal, se a economia voltar a crescer e o presidente recuperar sua popularidade, evitando um desastre eleitoral em outubro de 2000.

Se a situação financeira a curto prazo é delicada, a longo prazo as perspectivas para a economia brasileira são muito mais favoráveis, por causa do tamanho de seu mercado e da cultura capitalista. O sinal claro deste futuro promissor está nos investimentos externos diretos, que passam de US\$ 20 bilhões este ano, apesar da desvalorização do real.

A recuperação do país superou as expectativas. Pela primeira vez, nota o *FT*, o Brasil está cumprindo metas acertadas com o FMI. Se os problemas macroeconômicos de curto prazo forem resolvidos, esses investimentos podem lançar as bases para uma nova fase de desenvolvimento sustentado.